

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT17.014

FOTONARRATIVAS NO ESTUDO DO CORPO: EXPRESSÕES (AUTO) BIOGRÁFICAS DA CORPOREIDADE E MÚLTIPLAS IDENTIDADES NA FORMAÇÃO EM DANÇA

NILSON VIEIRA PINTO

Pós-doutor em Saúde Coletiva e Professor do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – ProEF/IFCE, nilsonvieira@ifce.edu.br;

PATRÍCIA RIBEIRO FEITOSA LIMA

Pós-doutora em Educação e Professora do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – ProEF/IFCE, patriciafeitosa@ifce.edu.br;

RESUMO

O estudo do corpo e da corporeidade são concepções fundamentais na formação em dança. A relação interpessoal constituída entre um corpo que olha para si em conexão para com outro e para com o meio, pode permitir novas trajetórias formativas e pedagógicas entre as ciências biológicas e as ciências sociais. O objetivo deste escrito é compartilhar a experiência de avaliação educacional através de fotonarrativas (auto) biográficas como uma ferramenta de análise etnográfica, identitária e conceitual da própria corporeidade. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, que utilizou como dispositivo investigativo e de avaliação educacional na disciplina de Anatomia aplicada a Dança, as fotonarrativas de si. Participaram do percurso avaliativo 28 estudantes do Curso Técnico de Dança do Centro Cultural Bom Jardim, em Fortaleza-Ceará. Nesta proposta, fotos e narrativas individuais foram utilizadas como instrumento de reflexão etnoanatômica e identitária do próprio corpo. A análise interpretativa das fotos e das narrativas (auto)biográficas expressaram os conteúdos abordados na disciplina sobre uma perspectiva anatômica, permitindo que relações individuais, filosóficas, culturais e artísticas, desvelassem diferentes corpos identitários, símbolos e sentidos no/do corpo que dança e na sua corporeidade. Consideramos as fotonarrativas (auto)biográficas como um importante instrumento de avaliação educacional capaz de ampliar o

conhecimento técnico-científico com o incremento de análises, discussões e reflexões acerca dos conteúdos curriculares, em especial da anatomia aplicada, a partir da análise etnográfica de si e promover novos trajetos de estudo do corpo para a formação em dança.

Palavras-chave: Fotonarrativa, Avaliação educacional, Corpo, Corporeidade, Dança.

INTRODUÇÃO

Em uma trajetória formativa em dança, o estudo do corpo e da corporeidade constituem alicerces teóricos e estéticos fundamentais. Esquadrinhar novas trajetórias formativas e pedagógicas entre as ciências biológicas e as ciências sociais possibilitam novas organizações interpessoais estabelecidas pelo corpo que olha para si em conexão para com outro e para com o meio.

Nessa perspectiva, o processo de avaliação educacional deve oportunizar a concepção de novos percursos epistemológicos, explorando o lugar das suas potencialidades, reduzindo a ênfase na avaliação classificatória e ampliando a participação do estudante enquanto sujeito ativo da sua aprendizagem.

A concepção do percurso educacional se estabelece a partir do “ato criador” ao legitimar a essência do ser humano (FREIRE, 2008). Identificar e refletir sobre as histórias pessoais de vida favorece o reconhecimento das múltiplas identidades, constituindo processos (auto)formativos acessíveis e solidários, propostas avaliativas inovadoras e processos pedagógicos assertivos em/na educação (JOSSO, 2004; PASSEGGI, 2011).

De acordo com Passeggi (2011, p. 6),

As narrativas como artefatos discursivos de formação existencial e profissional, dentro de um contexto institucional, nos levavam a discutir a complementaridade das noções de experiência e existência, que co-existem na expressão educação existencial. Se a noção de existência nos conduz à presença viva do humano, sua dimensão biológica nos espaços e na temporalidade do seu viver, como uma realidade objetiva, marcada por um começo e um final, a etimologia do termo experiência (experire) evoca, por sua natureza cambiante, uma estreita relação com o contínuo evanescer da formação humana em suas múltiplas instâncias. A formação, como sugere Pineau (2004), acontece na relação com o outro (heteroformação; co-formação), com as coisas do mundo (ecoformação) e consigo mesmo, na solidão do existir (autoformação).

Neste contexto, o uso de fotografias como instrumento de narração (auto)biográfica, assume uma linguagem que extrapola os aspectos visuais, artísticos e informativos, apropriando-se de múltiplas identidades, gestacionadas a partir das conexões entre os símbolos e significados específicos da fotografia e as suas experiências histórico-subjetivas, gerando encontros etnográficos através do retrato da (in)visibilidade das representações sociais (BARTHES, 1984).

Trezzi; Oliveira; Berkenbrock-Rosito (2019) afirmam que “compreender a imagem fotográfica como narrativa supõe pesquisa e interpretação”. A experiência estético-formativa de uma fotografia que narra a sua história de vida promove trajetos investigativos de si sobre o que está posto e sobre o que está por trás da narrativa.

Para Godolphim (1995) a “linguagem fotográfica tem uma sintaxe própria, que parte da perspectiva clássica renascentista e sua caixa preta”. Este autor pontua que, para fazer com que as fotos “falem”, se faz necessário conceber as características desta sintaxe fotográfica, ou seja, organizar os signos etnográficos dispostos no espaço do fotograma em associação ao contexto proposto, que neste relato trata-se do estudo do corpo na/em dança.

Ao assumirmos a natureza etnográfica das fotos apresentadas a partir da história de vida pessoal em composição aos processos educacionais e formativos, constituímos um “texto” socioantropológico que apresenta e sedimenta os conteúdos discutidos em sala de aula em (dis)cursividade com as reflexões interpretativas de cada aluno e conseqüentemente com o seu processo de aprendizagem.

Este capítulo situa as narrativas fotográficas na perspectiva da formação técnico-profissional do bailarino, baseando-se na hermenêutica de Ricoeur (1978). Parte do princípio de que “a fotografia, vista como conjunto narrativo de histórias [...] se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará” (MARTINS, 2017, p. 45).

Neste constructo imaginário histórico-social são retratados discursos e possibilidades ontológicas, emergidas em fotonarrativas que estão implicadas em uma corporeidade em construção, desvelando signos e símbolos culturais, filosóficos, estéticos e éticos, que reestrutura os campos semânticos a partir da associação entre as linguagens escrita e subjetiva da fala (fotográfica) e entoa a consciência reflexiva da aprendizagem pedagógica e da avaliação educacional.

Desta forma, este relato tem como objetivo compartilhar a experiência de avaliação educacional através de fotonarrativas (auto)biográficas como uma ferramenta de análise etnográfica, identitária e conceitual da própria corporeidade.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, em formato de relato de experiência, que utilizou como dispositivo investigativo e de avaliação educacional, as fotonarrativas de si.

Participaram do percurso avaliativo 28 estudantes, com idades entre 18 e 35 anos, de ambos os sexos, do Curso Técnico de Dança (CTD) do Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), em Fortaleza-Ceará, que cursavam a disciplina de Anatomia aplicada a Dança, em agosto de 2022.

O CCBJ pertence a Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Ceará (SECULT), gerido em parceria com o Instituto Dragão do Mar (IDM), por meio de sua Escola de Cultura e Artes.

O CTD é um curso profissionalizante de formação Técnica de Nível Médio nas modalidades concomitante e norteadores explicitados na subsequente, fundamentado nas bases legais e nos princípios Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) no. 9.394/96, nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica (BRASIL, 2021a), no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (BRASIL, 2021b) e na Resolução nº 466/2018, que regulamenta a Educação Profissional Técnica de Nível Médio no Sistema de Ensino do Estado do Ceará.

O objetivo do CTD é “formar Técnicos em Dança aptos para atuar como intérpretes, criadores e agentes culturais no campo da Dança, a partir de saberes práticos e teóricos dessa linguagem, possibilitando sua inserção profissional em contextos artísticos, técnicos, culturais e sociais contemporâneos” (GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, 2021).

Para ser aluno do CTD é necessário participar de um processo seletivo, via edital, que tem como critérios: idade mínima de 16 anos, Ensino Médio em curso (para a modalidade concomitante) ou Ensino Médio concluído (modalidade subsequente) e que sejam preferencialmente alunos ou egressos da rede pública de ensino. O processo seletivo reserva obrigatoriamente, em todas as suas fases, 50% das vagas para pessoas pretas, pardas, indígenas, pessoas com deficiência, pessoas da comunidade LGBTQIA+ e moradores(as) do bairro Grande Bom Jardim, aportando as demais vagas para ampla concorrência.

A disciplina de Anatomia aplicada a Dança juntamente com outros nove componentes curriculares compõe o primeiro módulo desta formação. Trata-se de

uma disciplina ministrada em 30 horas, que se propõe ao estudo do corpo e da corporeidade, através das inter-relações entre os aspectos anátomo-funcionais e a experiência cinestésica sensível do/no movimento.

Nesta disciplina, os sistemas esquelético e muscular são utilizados como base teórica para fundamentar o trajeto pedagógico e reflexivo sobre o estudo da corporeidade em/na dança, onde compreende-se um corpo constituído por estruturas físicas e demarcações etnográficas latentes. As diversidades de experiências somáticas associadas às aulas expositivas compõem uma metodologia singular e ao mesmo tempo plural, que possibilita um constructo discursivo diário a cada encontro pedagógico.

Vale ressaltar que o estudo da Anatomia aplicada a Dança é uma disciplina integrante da área da Saúde com a gênese na Anatomia Humana. Trata-se de uma disciplina comum aos cursos de formação das áreas biomédicas, que historicamente tem sido lecionada através de metodologias de ensino com abordagens tradicionais, que, para Mizukami (1986) são ativadas por meio da instrução, via transmissão unilateral de conhecimentos, sem espaço para reflexões e balizada no conhecimento positivista, concreto e palpável.

Já, opostamente ao viés tradicional, o ensino da Anatomia aplicada a Dança, objeto de apreciação desse texto, buscou desbravar os caminhos da (auto)descoberta corpórea e exploração das possíveis interfaces entre corpo/função/movimento/símbolos, pelas narrativas em fotos e em expressões, para a compreensão de si e das conexões com o outro e com o mundo social, numa efetivação do conhecimento de um conteúdo disciplinar do CTD.

Nesta proposta curricular, fotos e narrativas individuais foram utilizadas como instrumento de avaliação educacional e de reflexão etnoanatômica e identitária do próprio corpo. No início da disciplina, foi proposto ao grupo de estudantes as fotonarrativas (auto)biográficas como dispositivo de avaliação. Esta propositiva assumiu como pergunta norteadora: "Qual a anatomia etnográfica, identitária e conceitual da própria corporeidade constituída a partir da sua história de vida?"

Durante todo o percurso curricular, o estudo da anatomia, situado em uma reflexão continuada de si, era fomentado pelas possibilidades (foto)textuais que deveriam ser entregues e discutidas ao final da disciplina, em formato de foto digital e correspondente narrativa textual.

Para garantir a privacidade e o anonimato dos estudantes, foram excluídas as imagens e narrativas que expusessem qualquer possível identificação, seja

pela reconhecimento facial ou da narrativa. Selecionamos, pelo critério da representatividade qualitativa dos dados, sugerida por Thiollent (2003), oito imagens e narrativas para compor este capítulo. Para este autor, nos estudos de natureza qualitativa pode haver a seletividade intencional de participantes em função da relevância que estes - os participantes - apresentam em relação ao objeto de estudo. Deste modo, asseguramos que a pesquisa não perde a cientificidade pelo fato de incorporar expressões imprecisas, pensamentos dialógicos ou argumentativos no contexto estudado. Ao contrário, **“...consiste em oferecer ao pesquisador melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese do “material” qualitativo gerado na situação investigativa”**. (THIOLLENT, 2003, p.29).

A análise das fotonarrativas (auto)biográficas assume como fonte de inspiração, a hermenêutica de Ricoeur (1989), evocando a linguagem do discurso a partir das fotos e das narrativas textuais, explicitando-as enquanto obra e contexto etnográfico e identitário.

Dentro de uma perspectiva hermenêutica ricoeuriana, torna-se imprescindível considerar a influência do imaginário social nos atos fotoetnográficos, impregnados de discursos, ações e expressões do imaginário. Devendo, portanto, ser interpretados, na busca pela compreensão das implicações filosóficas, políticas e pedagógicas.

De acordo com o Artigo 1o. Parágrafo único, Inciso VIII, da Resolução 510/2016/CNS, por se tratar de um relato de experiência, esta atividade não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa. Contudo, ressalta-se que todas as imagens utilizadas neste capítulo possuem consentimento assinado em termo ético.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compartilha-se neste escrito fotos e narrativas produzidas enquanto instrumento de avaliação educacional, mas que se amplifica enquanto obra, teórica e poética, que discursa de forma etnográfica, identitária e conceitual sobre o corpo e a corporeidade do bailarino em formação profissional.

Diante de uma abordagem hermenêutica, considera-se a influência do imaginário social nas imagens e narrativas, compondo os signos e significados do “ser-no-mundo” (RICOEUR, 1989), algo valioso nas construções e reflexões identitárias e no firmamento dos conceitos anátomo-educacionais.

Nesta trajetória, Silva (2011) pontua que “uma linguagem mediada por signos pode evidenciar a polissemia dos símbolos, os sentidos múltiplos e a manifestação do inconsciente nas motivações sociais”. Diante de uma perspectiva em educação, esses signos constituídos pelas fotonarrativas promovem uma educação emancipatória (FREIRE, 1980) que considera o corpo e a corporeidade como uma manifestação histórico-crítica da própria realidade com o mundo e o torna livre enquanto expressão de si.

Este percurso analítico se inicia com a retratação de conceitos e terminologias da anatomia humana que se enredam com as histórias pessoais de vida de cada aluno, conforme podemos verificar na figura 1.

Figura 1: a. A flexão e extensão do homem sobre a natureza que o alimenta e o come; b. Se os meus ciclos fossem um movimento eles seriam uma... circundação.



Nestas imagens, terminologias anatômicas dos movimentos articulares como a flexão, a extensão e a circundação, compõem a narrativa histórica destes estudantes, sobressaltando movimentos que ultrapassam os conceitos e se fundem com os ciclos de vida.

Em contemplação, destaca-se uma natureza que ao mesmo tempo que o alimenta, o “come”, em atos de “flexão e extensão” (Figura 1a), simplificada

conceituados pela diminuição e pelo aumento do ângulo articular, respectivamente e, ciclos de vida paragonados a "circundução" (Figura 1b), inicialmente conceituada como um movimento em amplitude de até 360 graus que ocorre em articulações esferoides, como as do ombro e do quadril (HALL, 2020).

Estas (rel)ações articulares apontam para uma história constituída por relevos de "flexão e extensão" simbolizando os "altos e baixos" da vida, as lutas e conquistas, o bem e o mal, o dia e a noite, o sol e a lua, e todas as dualidades presentes na natureza humana e que, passeiam neste enlace histórico vivido por constantes "circunduições" individuais, filosóficas, culturais, éticas e estéticas.

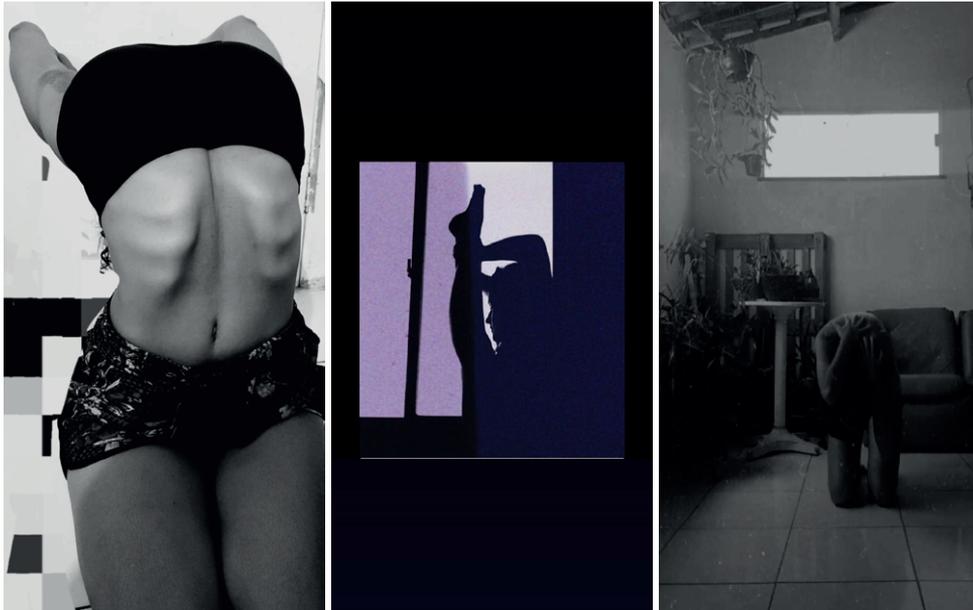
Neste contexto, Richo (2008) comenta que no ciclo da vida passamos por constantes processos que finalizam e dão início a um novo ciclo, nos levando a aceitar a impermanência e entender que não há linearidade nesta biografia. Por vezes, quando compreendemos estes desníveis cíclicos existenciais, em constante movimento, nos libertamos dos apegos do passado e percebemos que nossos planos são incertos, nem sempre indolores, mas que nos marcam e firmam a nossa história de vida. Esta peculiaridade, nos mostra que estas experiências cíclicas e duais são únicas e nunca ocorrem da mesma maneira em dois sujeitos (PALACIOS, 1995).

Em adição, percebe-se nesta categoria de imagens os fundamentos da Teoria de Aprendizagem Significativa proposta por David Ausubel, onde os símbolos integram de modo tácito e não arbitrária com aquilo que o estudante já possui na sua estrutura cognitiva (MOREIRA, 2012). Nesta análise hermenêutica, o processo de aprendizagem dos conceitos anatômicos se consolida quando ocorre a interação entre as estruturas cognitivas pré-existentes e as proposições fotobiográficas da própria corporeidade.

Desta forma, celebra-se o processo de avaliação educacional proposto, quando testemunhamos o estudante refletindo e construindo o seu próprio conhecimento, quando a avaliação se torna uma "reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões (HOFFMANN, 2017), refletindo sobre a sua realidade e conexão com os contextos educacionais vivenciados.

Somado aos elementos anatômicos conceituais, identificamos signos e símbolos permeados no/pelo corpo etnográfico, o qual compõem uma corporeidade (auto)biográfica impregnada de sentidos sociais e pungentes. Estas relações são ilustradas na Figura 2.

Figura 2: a. Adapte-se e vá além, entre onde não te cabe e sinta a força do ar expandindo o teu corpo alcançando espaços em si, adentrando espaços além; b. Nas junções das tuas articulações vejo seus entrelaços para preencher suas partes vazias, mesmo que rachem o tecido de sua pele, de todos os ângulos sua beleza reflete na luz; c. Sentimentos viscerais.



Nestas fotos (auto)biográficas identificamos narrativas que demarcam os enfrentamentos cotidianos, situados em uma corpo que “adapta-se”, que “entra onde não te cabe” para conseguir “ir além”, “expandindo o teu corpo alcançando espaços em si, adentrando espaços além” (Figura 2a). Nesta corporeidade invadida pelo contexto etnográfico, as articulações se relacionam a oportunidade de “preencher suas partes vazias”, evidenciando que este corpo biográfico ocupa esses espaços internos vazios. Em continuidade, declara que “mesmo que rachem o tecido de sua pele, de todos os ângulos sua beleza reflete na luz”, no entendimento de que mesmo diante da dor, este corpo ainda sobrevive com plenitude (Figura 2b). Nesta série fotográfica, retrata-se ainda um corpo retraído tomado por “sentimentos viscerais” em meio a ausência de cores (Figura 2c), uma expressão interpessoal do corpo com o meio em que vive.

Christine Delory-Momberger (2012) pontua que as biografias desvelam a dimensão funcional de uma vida em sociedade, marcada pelo passado de enfrentamentos e pelas expectativas de futuro. Desta forma, uma vida fotonarrada torna-se um instrumento de compreensão das questões sociais, expondo o seu espectro vivido e a sua jornada de transformação. Estas, circulam num campo de saberes

no qual as imagens etnográficas, emprestam significados aos confrontos e aos dramas estruturados em sociedade.

A esse respeito, Pais (2007) pontua que “quando a reflexividade impositiva (orientada pelo passado) se confronta com a reflexividade transformadora (orientada para o futuro) geram-se situações dilemáticas”, nos obrigando a tomar decisões e a assumir negociações, em prol de uma afirmação de identidade. Desta forma, o corpo torna-se algo individual, reflexivamente mobilizado pelos medos e anseios impostos pela sociedade, fazendo com que o cotidiano seja coabitado pelos dilemas.

Diante destes dilemas, a existência se conecta com as inúmeras relações histórico-culturais, entoando uma dependência ontológica com o mundo. Estarmos expostos aos outros e às circunstâncias, constituem e pervertem o ser e o devir, corpos, símbolos e as possibilidades de estar com e entre outros, (des)apropriando a vida, de acordo com as suas relações sociais, políticas e econômicas.

Nestas imagens, identificamos as relações entre estes corpos sociais “adaptados”, que mesmo diante dos enfrentamentos cotidianos em busca de “preenchimentos” diversos, ainda se sentem vazios por dentro, embebecidos em “sentimentos viscerais” de frustração e luminosidade.

Sob a ótica de Merleau-Ponty (1999) para além do corpo biológico, o corpo social ao experimentar e perceber o mundo sensivelmente, amplifica as suas relações com o outro, ocupando um mundo fenomenológico onde se pressupõe o encontro das experiências próprias e alheias, formadas por uma intersubjetividade e construtoras da corporeidade social.

As relações etnográficas apresentadas nas figuras anteriores se agrupam aos símbolos identitários expostos na figura 3. Nesta análise hermenêutica, o “corpo travesty” narra a sua biografia em enlaces anatômicos potentes, associando estruturas corporais e sua corporeidade, evidenciado pelos seus valores éticos e morais, dotado de brio e dignidade; o “corpo dança”, encontra-se imbricado em uma narrativa anátomo-funcional de um corpo livre e habitado por amor, que alberga uma história inexprimível por si, mas susceptível de comunicabilidade através do corpo que dança; e, o “corpo suporte”, que narra uma corporeidade moldada as pelejas físicas e emocionais, constante e diariamente transitadas entre a mente e o corpo, sendo amparadas e acolhidas pelo corpo que dança

Figura 3: a. Lacración, primeira de seu nome, pioneira mother travesty do majorette, tão reta quanto seu abdômen, tão sedosa quanto seus capilares, tão saliente quanto seu quadríceps, forte como seu esternocleidomastóideo que sustenta a coroa que é seu crânio que por sua vez comporta toda sua massa gelatinosa, tão esplêndida quanto seus esplênios, tão esguia quanto seus longuíssimos e tão perfeita aos seus e aos olhos de outros que tem os receptores de luz funcionais. b. Conto em minha linguagem corporal o meu estado inevitável de liberdade e nas curvaturas de minhas vértebras em movimentos multiplanares transbordo em meu ser através de minha carne o amor que habitas em mim. Inclinar-se na postura do meu dançar, o pulsar do meu coração reverbera por minhas veias, por cada célula e em cada osso do meu corpo. Minha dança tens contado a história que não consigo contar; c. Suporte diário de cargas físicas e emocionais, mantendo-me rígida enquanto flexível. Ecoa sensações, sinais e informações partindo da mente pro corpo. Faço da dança meu eixo central, dança que me protege e traz equilíbrio para condução do meu ser.



Estes diferentes “seres corporais” anunciados na figura 3 exprimem uma narrativa antropológica que oferta “sons e ruídos a um silêncio que parece ocupar o interstício palavra-imagem” (CARRIJO, 2012). Nesta categorização, para além dos elementos estéticos e técnicos, as imagens se relacionam intimamente com as identidades dos sujeitos, conferindo-lhes uma identidade retórica e/ou fictícia, que pode ser fruto de uma composição plástica e social, singular e plural, entretanto, não menos real.

Neste contexto, faz-se importante trazer à tona o conceito de identidade narrativa proposto por Ricoeur (2010), onde o sujeito, apesar das transformações, poder ser reconhecido no tempo. Para este autor, o ser humano é *idem*, em referência ao que permanece imutável e *ipse*, ao mutável ao longo da vida. Assim, na perspectiva ricoeuriana, trajetórias narrativas são geradores de identidade, onde o convívio com a própria história, constitui aprendizados e amplifica a compreensão de si e de si com o mundo.

Corroborando com esta perspectiva de ipseidade ricoeuriana, Freire (2008) pontua que o ser humano é inconcluso, ou seja, que está em constante processo de

autoformação e reconstrução, dependente das interações socioculturais, articulada tanto com a concepção ontológica de um ser em formação, como o da gnosiológica estabelecida pelo ato educativo, como proposto neste estudo (DELIZOICOV; DELIZOICOV; SILVA, 2020).

Nestes retratos simbólicos, múltiplos e polissêmicos, tessituras históricas e identitárias vão sendo desveladas, reconstruídas e reorganizadas, amalgamadas aos conceitos anatômicos em um processo de autoformação da corporeidade. Ao leitor-observador que contempla essas imagens, em uma ação inicialmente visual, mas posteriormente háptica, somam-se novos sentidos e significados ao corpo em conexão com o mundo. Este também se beneficia deste trajeto formativo-pedagógico.

O conceito do sistema/sentido háptico foi proposto pelo psicólogo americano James Jerome Gibson (1966) que se refere a coordenação interativa entre os ambientes interno e externo. Para este autor, quando observamos algo através do sentido háptico, temos a experiência de um encontro, em que através da intrasensorialidade, nos relacionamos e nos comunicamos entre os mundos interno e externo.

Para Cesar (2022), em um ato contemplativo podemos ser tomados pela experiência háptica, permitindo com que aquilo que vemos nos “toque”, nos informe algo que ainda não conhecemos, entrando em comunicação com o sentido identitário desta fotonarrativa, modificando a atitude de percepção. Neste momento, devemos nos permitir ser tocados pelo estímulo visual, aprendendo a observar o mundo, escutando as palavras a partir do coração.

Este é o momento em que, menos gramaticável do que a palavra, para ser uma ponte entre interpretações ou mesmo uma interpretação objetivamente “imaginada” de algo, a fotografia ousa querer ser mais fiel do que a própria palavra (BRANDÃO, 2004, p. 17).

A identidade de si se constitui através da interação com o outro e com o meio, ocupando um lugar único, que por vezes pode ser visto de maneiras diferentes a cada olhar, mesmo quando realizado pela mesma pessoa. Portanto, esta construção da consciência de si (identidade), além de inconclusa, como discutida anteriormente, torna-se um produto do compartilhamento do nosso olhar com o olhar do outro, decifrada mutuamente em meio as relações socioculturais (SOUZA; LOPES, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, as fotonarrativas (auto)biográficas foram utilizadas como instrumento de avaliação educacional, reflexão dos conteúdos curriculares e análise etnográfica de si, constituindo novos trajetos para o estudo do corpo e da corporeidade na formação em dança. Neste constructo, as imagens “narraram” corpos conceituais, filosóficos, socioculturais, identitários, éticos e estéticos, a partir da hermenêutica ricoeuriana.

As fotos aqui narradas são mediadores entre as histórias de si (passado, presente e futuro) e o “corpo anatômico” em aprendizado, favorecendo a construção de novos significados sobre a corporeidade. Este ato imagético-estético constrói uma dialética pessoal onde novas representações são constituídas e transformadas em textos hermenêuticos.

Nesse sentido, Ricoeur (2010), declara que talvez “não estejamos propensos a ver nessa cadeia de episódios de nossas vidas aquelas histórias ainda não contadas, histórias que pedem para serem contadas, histórias que oferecem pontos de ancoragem para a história”, mas podemos aprender com estas histórias.

Esta contribuição textual aponta as fotonarrativas (auto)biográficas como uma importante possibilidade instrumental nas diversas trajetórias de avaliação educacional, permitindo um processo de ensino e aprendizagem colaborativo, onde todos são atores ativos desta formação, onde não são negados os conhecimentos sociais e humanísticos, e onde são oportunizados o inarrável e o invisível, transformando signos e símbolos em representações sociais, humanas e éticas que extrapolem a limitada avaliação de teorias.

Em tempos em que as imagens se tornam cada vez mais comuns, acessadas de imediato pelos smartphones e publicizadas nas redes sociais instantaneamente, observar fotos e ler narrativas, de forma lenta, pessoal e interativa, parece ser um ato de aventura. Em tempos em que a educação é invadida pelos excessos de informação e imagens, interpretar signos e símbolos, dando-lhes sentidos e sentimentos, favorecendo uma formação humana e emancipatória, torna-se valoroso. Sobretudo, diante de uma intensificação potencializada pela pandemia da Covid-19, que tonificou a exposição das múltiplas corporeidades através das redes sociais.

Diante desse imediatismo fotográfico assumimos dilemas, pessoais e coletivos, de sobrevivência que, por vezes, nos insere em uma dinâmica social que oprime corpos, altera as identidades e aliena os significados da/na imagem fotográfica.

Aos poucos, o olhar histórico e afetivo das fotos vai assumindo novas querenças e reduzindo a sua constelação de representações afetivo-pedagógicas.

Portanto, torna-se inadiável refletir sobre esses corpos e essas representações da corporeidade imagéticas, constituindo elementos etnográficos significantes e transformadores da realidade social, acessados nos diversos espaços individuais e coletivos, filosóficos, culturais e artísticos, éticos e estéticos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. A câmara clara. São Paulo: **Nova Fronteira**, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, v. 18, n. 2, p. 27-54, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP No. 1, de 5 de janeiro de 2021, que define as **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica**. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-cne/cp-n-1-de-5-de-janeiro-de-2021-297767578>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT)**. 4a. Edição. Set. 2021. Disponível em: <<http://cnct.mec.gov.br/cnct-api/catalogopdf>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

CESAR, Bel. Viver bem e morrer bem: agora e sempre: como superar traumas, lutos e lidar com o processo da morte. São Paulo: **Gaia**, 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Natal: **Edufrn**, v. 393, 2012.

DELIZOICOV, Demétrio; DELIZOICOV, Nadir Castilho; SILVA, AFG da. Paulo Freire e o ser humano em processo de formação permanente. **Revista Retratos da Escola**, v. 14, n. 29, p. 353-369, 2020.

DE OLIVEIRA SILVA, Luzia Batista. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação. **Comunicações**, v. 18, n. 2, p. 19-36, 2011.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: **Cortez e Moraes**, 1980.

_____. Pedagogia da esperança. 15 ed., São Paulo: **Paz e Terra**, 2008.

GIBSON, James J. The Senses Considered as Perceptual System, Cornell University, Boston: **Houghton Mifflin Company**, 1966.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, v. 2, n. 01, p. 161-185, 1995.

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, Conselho Estadual de Educação. **Resolução no. 466/2018, que regulamenta a Educação Profissional Técnica de nível médio no Sistema de Ensino do Estado do Ceará**. Disponível em: <<https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2018/06/RESOLU%C3%87%C3%830-N%C2%BA-466.2018.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

_____. Instituto Dragão do Mar, Porto Iracema das Artes. **Plano de curso – Curso Técnico em Dança**. Fortaleza, 2021. Disponível em: <https://ccbj.org.br/wp-content/uploads/2023/02/CTD_PLANO_DE_CURSO_2021_APROVADO.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2023.

HALL, Susan J. Biomecânica básica. 8 ed., São Paulo: **Guanabara Koogan**. 2020.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação: Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista. 45. ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: **Cortez**, 2004.

MARTINS, José de Souza. Sociologia da fotografia e da imagem. 2 ed., São Paulo: **Contexto**, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: **Martins Fonte**, 1999

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Marco Antonio. Al final, que és aprendizagem significativo? **Currículum**, v. 25, p. 29-56, 2012.

PAIS, José Machado. Cotidiano e reflexividade. **Educação & Sociedade**, v. 28, p. 23-46, 2007.

PALÁCIOS, Jesús. Desenvolvimento psicológico e Educação Psicológica Evolutiva. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1995.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação. **Rizoma Freiriano**, v. 11, n. 11, 2011.

RICOEUR, Paul. O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: **Imago**, 1978.

_____. Do texto à ação: ensaios de hermenêutica II. Porto: **Rés-Editora**, 1989.

_____. Escritos e conferências I. torno da psicanálise. São Paulo: **Loyola**, 2010.

RICHO, David. The five things we cannot change: And the happiness we find by embracing them. **Shambhala Publications**, 2008.

SOUZA, Solange Jobim; LOPES, Ana Elisabete. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. **Cadernos de pesquisa**, p. 61-80, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2003.

TREZZI, Clóvis; OLIVEIRA, Moyses Romero Borges; BERKENBROCK-ROSITO, Margarete May. Narrativas fotográficas: uma contribuição para a formação do professor. **Conhecimento e Diversidade**, Niteroi, v. 11, n. 24, p. 91 – 103, 2019. **eech community**. In. Language in Social Groups. Stanford, California: Stanford University Press, 1971. p. 114-128.

HYMES, D. (1964). **The Ethnography of Speaking**. In. T. Gladwin and W. Sturtevant (Eds.). Anthropology and human behavior. Washington: D. C., [s.d], p. 99-137.

JARETA, G. **Por que o ensino do inglês não decola no Brasil**. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2015/11/04/por-que-o-ensino-do-ingles-nao-decola-no-brasil/> Acesso em agosto de 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

QUADROS, Ronice Muller de. **Situando as diferenças na educação de surdos**: inclusão/exclusão. Florianópolis: Ed. Ponto de Vista, 2003. p. 23 a 88.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n. 1, Jul., 2009.